



PREFEITURA MUNICIPAL DE VISTA ALEGRE DO ALTO

Praça Dr. E. H. Ower Sandolth, 278 – Fone: (16) 3277-8300 – Cep 15920-000

Vista Alegre do Alto- Estado de São Paulo

CNPJ – 52.854.775/0001-28

www.vistaalegrealto.sp.gov.br

e-mail : pmvaa@hotmail.com

Projeto de Lei nº __, 09 de Março de 2012

PROJETO DE LEI Nº 011, DE 15 DE MARÇO DE 2012.

Oficializa o Hino do Município de Vista Alegre do Alto e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VISTA ALEGRE DO ALTO, Estado de São Paulo no uso das atribuições que lhe são conferidas por Lei:

Faz saber que a Câmara Municipal aprovou, e eu sanciono e promulgo a seguinte...

LEI

Art. 1º Fica oficializado, nos termos do art. 4º da Lei Orgânica do Município, o Hino do Município de Vista Alegre do Alto, que faz parte integrante desta Lei.

Art. 2º A letra do Hino de Vista Alegre do Alto é de autoria do senhor Silvio Fiorani Junior, conforme breve histórico de vida anexado a esta Lei.

Art. 3º A música do Hino de Vista Alegre do Alto é de autoria do compositor e maestro José Gustavo Julião de Camargo, conforme breve histórico de vida anexado ao projeto de lei.


Art. 4º Os autores da Letra e da Música do Hino de Vista Alegre do Alto não serão remunerados, sendo considerados serviços relevantes prestados ao Município de Vista Alegre do Alto, com a natureza de *munus publico*.

Art. 5º A apresentação oficial da letra e da música do Hino de Vista Alegre do Alto terá lugar em sessão solene, na data de aniversário do Município.

Art. 6º As despesas necessárias à execução desta Lei correrão à custa das dotações próprias, consignadas em orçamento.

Art. 7º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Vista Alegre do Alto, 15 de Março de 2012.


ANTONIO APPARECIDO FIORANI
Prefeito Municipal



PREFEITURA MUNICIPAL DE VISTA ALEGRE DO ALTO

Praça Dr. E. H. Ower Sandolth, 278 – Fone: (16) 3277-8300 – Cep 15920-000

Vista Alegre do Alto- Estado de São Paulo

CNPJ – 52.854.775/0001-28

www.vistaalegrealto.sp.gov.br

e-mail : pmvaa@hotmail.com

Projeto de Lei nº __, 09 de Março de 2012

Excelentíssimo Senhor Presidente,

Estamos encaminhando, para apreciação e votação do Legislativo, o projeto de lei que oficializa o Hino do Município de Vista Alegre do Alto.

Segundo consta do artigo 4º da Lei Orgânica, o Hino do Município deve ser oficializado através de Lei Municipal e ainda existe esse vazio no nosso ordenamento jurídico, razão pela qual tomamos a iniciativa nesse sentido, conforme sugestão da Secretária Municipal de Educação.

A letra e a música do Hino são de autoria de pessoas ligadas ao nosso Município, sem custo e com a natureza de *munus publico*, conforme consta dos históricos de vida anexados a este projeto de lei.

Considerando que a apresentação oficial do Hino deve ter lugar na data de aniversário do nosso Município, pedimos que o projeto de lei seja analisado e votado em regime de urgência, a fim de que seja devidamente conhecido e ensaiado pelos nossos escolares.

Nesta oportunidade, reiteramos os sentimentos de consideração por vossa excelência e demais integrantes do nosso Poder Legislativo.

Atenciosamente,


ANTONIO APPARECIDO FIORANI
Prefeito Municipal

ROSA DOS VENTOS

(Hino de Vista Alegre)

Autor: Silvio Fiorani Junior

Existe um lugar onde o ouro se esconde
se queres saber, eu te digo onde.

Vista Alegre é o nome,
pátria dos meus sonhos
para sempre terra minha
eu hei de amar.

E se a infância é a pátria verdadeira
Esta é a minha terra brasileira.
Tu és parte da terra-mãe gentil
Tu tens por berço a glória do Brasil.

Vista Alegre, abre tuas asas,
muita história tens pra contar.
Trem de ferro rompendo a mata
Trouxe o sonho que aqui veio morar.

Teu heroico e bravo fundador
de tão longe trouxe o seu penhor
teu futuro veio orientar:
Rosa dos Ventos, vamos caminhar.

No horizonte de teu porvir
no futuro hás de encontrar
a riqueza a te sorrir
e na paz tua vida celebrar.

Mas o ouro que teu chão encerra
mais que ouro, é o penhor da terra,
sempre à mesa o pão de cada dia,
o dom da vida em paz e harmonia.

Vista Alegre, abre tuas asas,
muita história tens pra contar.
Trem de ferro rompendo a mata
Trouxe o sonho que aqui veio morar.

Rosa dos ventos

Hino a Vista Alegre

Poema : Silvio Fiorani Junior

Música : José Gustavo Julião de Camargo

$\text{♩} = 100$ *mf* $B\flat$ $Gm/B\flat$ $B\flat$ $B\flat(\text{add}9\text{sus}4)$ $B\flat$

E - xis - te um lu - gar on-de o ou - ro se es - con-de se

6 $Gm/B\flat$ $B\flat$ $B\flat(\text{add}9\text{sus}4)$ $B\flat$ F/A Dm $B\flat$ F/A

que - res sa - ber eu te di-go on-de Vis-ta A - le-gre é meu no-me

12 Gm $C(\text{sus}4)$ Dm Cm^6

pá - tria dos meus so - nhos pa - ra sem - pre ter - ra mi - nha eu hei de a -

14 $B\flat/D$ $B\flat$ F $B\flat(\text{sus}4)$ $B\flat$ F

mar E se a in - fân - cia é pá-tria ver-da-dei - ra Es ta é mi - nha ter-ra bra-si

18 $B\flat(\text{sus}4)$ $B\flat$ Fm^7 $B\flat^7$ $E\flat$ Gm^7/D Cm^6 F^7/A

lei - ra Tu és par - te da ter-ra mãe gen - til Tu tens por ber-ço a gló-ria do Bra

22 $B\flat$ F^7 f $B\flat$ $B\flat/A$ Gm $F(\text{sus}4)$ F^7 Cm $Cm/B\flat$ F/A

sil Vis-ta A - le - gre a-bre-tuas a - sas mui ta his - tó - ria tens pra con

26 $B\flat(\text{sus}4)$ $B\flat$ F^7 $B\flat$ $B\flat/A$ $B\flat^7/A\flat$ Cm/G $C\flat/G\flat$ $C\flat$ $B\flat$ F^7

tar Trem de fer - ro rom-pen-do a ma - ta Trou-xe o so nho que a-qui ve-io mo

30 $B\flat$ F $B\flat(\text{sus}4)$ $B\flat$ F

rar Teu he -roi - co e bra-vo fun-da - dor de tão lon - ge trou-xe o seu pe

34 $B\flat(\text{sus}4)$ $B\flat$ Fm^7 $B\flat^7$ $E\flat$ Gm^7/D Cm^6 F^7

nhor_ teu fu - tu - ro ve - io o - ri - en - tar Ro - sa dos Ven - tos va mos ca - mi

38 $B\flat$ F^7 *f* $B\flat$ $B\flat/A$ Gm $F(\text{sus}4)$ F^7 Cm $Cm/B\flat$ F/A

nhar No ho - ri - zon - te de teu por - vir_ no fu - tu - ro hás de en - con

42 $B\flat(\text{sus}4)$ $B\flat$ F^7 $B\flat$ $B\flat/A$ $B\flat^7/A\flat$ Cm/G $C\flat/G\flat$ $C\flat$ $B\flat$ F^7 $B\flat$ *p*

trar_ a ri - que - za a te sor - rir_ e na paz tu a vi - da ce - le - brar Mas o

47 $B\flat m^7$ Cm Gm/D Dm

ou - ro que teu chão en - cer - ra mais que ou - ro é o pe - nhor da ter - ra sem - pre a

51 $A\flat$ Gm $B\flat^7$ $E\flat$ C/E $F(\text{sus}4)$ F^7 *f*

me - sa o pão de ca - da di - a o dom da vi da em paz e har - mo - ni - a Vis - ta A

56 $B\flat$ $B\flat/A$ Gm $F(\text{sus}4)$ F^7 Cm $Cm/B\flat$ F/A $B\flat(\text{sus}4)$ $B\flat$ F^7

le - gre a - bre - tuas a - sas mui ta his - tó - ria tens pra con tar_ Trem de

60 *rall.* $B\flat$ $B\flat/A$ $B\flat^7/A\flat$ Cm/G $C\flat/G\flat$ $B\flat$ F^7 $B\flat$

fer - ro rom - pen - do a ma - ta Trou - xe o so - nho que a - qui ve - io mo - rar

HINO DE VISTA ALEGRE (histórico)

Sílvio Fiorani

Os hinos são formas musicais de louvor. Entre os mais antigos, estão os Hinos Védicos, criados por religiosos indianos a partir de 1.500 anos antes de Cristo, e os Hinos Homéricos, atribuídos ao poeta grego Homero, que os teria criado por volta do 8º século antes de Cristo. Os hinos cívicos, entre os quais estão os hinos nacionais, são criações bem posteriores. Seria natural que mais tarde as cidades sentissem a necessidade de exaltar o respeito e o amor por suas instituições e sua história.

Creio que um hino deva ser um ato de afeto de seu autor para com a sua comunidade, sua cidade ou seu país. Parti desta perspectiva. No entanto, como se trata de um hino cívico, o seu autor precisa ter em mente o fato de que, mais que um ato pessoal seu, ele deve encarar a sua criação como uma expressão da coletividade. Foi o que procurei fazer ao trabalhar com os conteúdos que eu imaginei que o nosso hino deveria expressar. Isso para que tivéssemos um hino consistente e verdadeiro. Nada exaltações gratuitas. Tive como base dados históricos e simbólicos, além de levar em conta a ligação da coletividade com a terra e o seu cultivo, que é a razão básica de tudo o que aconteceu para que chegássemos ao que Vista Alegre é hoje. Assim, a letra conta, em resumo, com os seguintes conteúdos:

1 . em meio aos dados históricos, aparece a figura do fundador da cidade, o dinamarquês Emil Owen Sandholdt;

2 . a chegada da ferrovia, por sua vez, é o marco determinante da fundação;

3 . há também o fato de a cidade ter tido as diagonais de seu quarteirões orientadas por Sandholdt de acordo com os pontos cardeais, o que justifica a expressão Rosa dos Ventos; tal orientação permitiu que todas as fachadas das casas do núcleo original da cidade fossem banhadas pelo sol;

4 . entre os dados simbólicos, aparece o “ouro” mencionado no verso inicial, e que, mais além, ganha seu significado real; ou seja, o das potencialidades do solo cultivado;

5 . há, afinal, uma formulação literária que é a de conferir à infância um sentido de pátria, por ser o período fundamental de formação do cidadão.

HINO DE VISTA ALEGRE

Sílvio Fiorani

I . Origem

A história do Hino de Vista Alegre tem um capítulo mais antigo e um outro mais ou menos recente. O antigo refere-se ao início dos anos 60, quando uma professora do primeiro grau decidiu criar uma letra para uma melodia já existente. Essa professora passou apenas alguns anos na cidade, mas compreendia a necessidade de um hino desse gênero para a educação cívica de nossas crianças. Tratou-se de um ato de boa vontade, mas a melodia já havia sido utilizada em outros lugares. Por não ser uma criação original, nunca pôde ser oficializada.

O capítulo mais recente dessa história ocorreu há mais de dois anos, quando a secretária municipal de Educação e Cultura, Maria Rita Vieira da Cunha, me fez uma espécie de convocação, dizendo que Vista Alegre precisava de um hino e que, segundo ela, eu era única pessoa que poderia e deveria criá-lo. Impedido por compromissos profissionais, eu não consegui de pronto reservar um tempo para pensar na idéia básica de como poderia compor uma peça de exaltação da nossa cidade.

Afinal, no início de dezembro passado, Maria Rita me procurou de novo. Dessa vez, para dizer que a necessidade de um hino para a cidade havia-se tornado urgente. Como iríamos entrar no ano final da administração de Antônio Fiorani, ela desejava que a composição estivesse pronta em março, para o aniversário da cidade. E aqui também devo considerar que além de ser irmão de nosso prefeito, tenho por ele enorme admiração pelo político sensível que é, pela sua capacidade administrativa e pelo grande legado que vai deixar ao terminar o atual mandato. Concluí que era um momento mais que justo a que Vista Alegre tivesse finalmente um hino oficial. Parei, então, tudo o que estava fazendo, para concentrar-me no projeto. Antes do final daquela semana, consegui terminar a composição. Até então, o que havia era uma melodia pronta e um esboço de letra. Valeu então a máxima de que a necessidade é mãe da invenção. Pressionado pela urgência consegui completar as idéias e anotações que já havia feito. Quando vim para Vista Alegre para as festas de fim de ano, pude mostrar a gravação do que eu havia feito. No entanto, só fiquei tranquilo quanto ao resultado do que eu havia feito quando Maria Rita me assegurou que a tarefa de passar a melodia para a pauta e fazer os neces-

sários arranjos seria entregue ao maestro e nosso conterrâneo José Gustavo Julião de Camargo. O brilhante currículo de José Gustavo autorizava o nosso entusiasmo.

II . O porquê de um hino

Os hinos são formas musicais de louvor. Entre os mais antigos, estão os Hinos Védicos, criados por religiosos indianos a partir de 1.500 anos antes de Cristo, e os Hinos Homéricos, atribuídos ao poeta grego Homero, que os teria criado por volta do 8º. século antes de Cristo. Os hinos cívicos, entre os quais estão os hinos nacionais, são criações bem posteriores. Seria natural que mais tarde as cidades sentissem a necessidade de exaltar o respeito e o amor por suas instituições e sua história.

Creio que um hino deva ser um ato de afeto de seu autor para com a sua comunidade, sua cidade ou seu país. Parti desta perspectiva. No entanto, como se trata de um hino cívico, o seu autor precisa ter em mente o fato de que, mais que um ato pessoal seu, ele deve encarar a sua criação como uma expressão da coletividade. Foi o que procurei fazer ao trabalhar com os conteúdos que eu imaginei que o nosso hino deveria expressar. Isso para que tivéssemos um hino consistente e verdadeiro. Nada exaltações gratuitas. Tive como base dados históricos e simbólicos, além de levar em conta a ligação da coletividade com a terra e o seu cultivo, que é a razão básica de tudo o que aconteceu para que chagássemos ao que Vista Alegre é hoje. Assim, a letra conta, em resumo, com os seguintes conteúdos:

1 . em meio aos dados históricos, aparece a figura do fundador da cidade, o dinamarquês Emil Owen Sandholdt;

2 . a chegada da ferrovia, por sua vez, é o marco determinante da fundação;

3 . há também o fato de a cidade ter tido as diagonais de seu quarteirões orientadas por Sandholdt de acordo com os pontos cardeais, o que justifica a expressão Rosa dos Ventos; tal orientação permitiu que todas as fachadas das casas do núcleo original da cidade fossem banhadas pelo sol;

4 . entre os dados simbólicos, aparece o “ouro” mencionado no verso inicial, e que, mais além, ganha seu significado real; ou seja, o das potencialidades do solo cultivado;

5 . há, afinal, uma formulação literária que é a de conferir à infância um sentido de pátria, por ser o período fundamental de formação do cidadão:

III . Hino de Vista Alegre

Existe um lugar onde o ouro se esconde
se queres saber, eu te digo onde.
Vista Alegre é o nome,
pátria dos meus sonhos
para sempre terra minha
eu hei de amar.

E se a infância é a pátria verdadeira
Esta é a minha terra brasileira.
Tu és parte da terra-mãe gentil
Tu tens por berço a glória do Brasil.

Vista Alegre, abre tuas asas,
muita história tens pra contar.
Trem de ferro rompendo a mata
Trouxe o sonho que aqui veio morar.

Teu heróico e bravo fundador
de tão longe trouxe o seu penhor
teu futuro veio orientar:
Rosa dos Ventos, vamos caminhar.

No horizonte de teu porvir
no futuro hás de encontrar

a riqueza a te sorrir
e na paz tua vida celebrar.

Mas o ouro que teu chão encerra
mais que ouro, é o penhor da terra,
sempre à mesa o pão de cada dia,
o dom da vida em paz e harmonia.

Vista Alegre, abre tuas asas,
muita história tens pra contar.
Trem de ferro rompendo a mata
Trouxe o sonho que aqui veio morar.

Sílvio Fiorani

Escritor

1 . Biografia

Sílvio Fiorani mora em São Paulo desde os finais dos anos 1960, mas continua ligado sentimentalmente a Vista Alegre do Alto, no norte paulista, onde nasceu, em 1943, e mantém também residência. É neto de imigrantes italianos que se estabeleceram no interior paulista como plantadores de café. As ressonâncias psicológicas e culturais da epopéia da imigração constituem o pano de fundo de seus romances *A Herança de Lundstrom* e *O Evangelho segundo Judas*, que, ao lado de *Investigação sobre Ariel*, compõem uma trilogia sobre a formação do personagem-narrador Francisco Rovelli. Com *Investigação sobre Ariel*, Sílvio Fiorani venceu o Prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, para o melhor romance publicado em 2005.

Publicou, ainda, *Os Estandartes de Átila* (contos) e os romances, *O sonho de Dom Porfírio* (Prêmio Governador de São Paulo, 1972), *A herança de Lundstrom* (Prêmio Presenza d'Italia, Círculo Italiano de São Paulo, 1984), *A Morte de Natália* (Prêmio Fernando Chinaglia, Menção Honrosa, 1981), *Entre os Reinos de Gog e Magog* e *Os Visitantes da Noite*.

O interesse pela literatura manifestou-se desde o início da adolescência, através da leitura dos clássicos brasileiros. No entanto, foi o romance *Ana Karenina*, de Leon Tolstói, lido aos 15 anos, a obra que mais marcaria essa fase de sua vida e repercutiria em sua idade adulta, em sua formação de escritor. Apesar dessa atenção juvenil para com literatura, o autor formou-se inicialmente em química industrial. Porém, trabalhou por pouco tempo nessa profissão que deixou para ingressar na Faculdade de Jornalismo da Universidade Católica de São Paulo. Já no segundo ano do curso começou a sua carreira no jornal *A Gazeta*, de São Paulo, e na sucursal paulista do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

O interesse pela política o levou a participar ativamente do movimento estudantil, que era reprimido com violência pela ditadura militar. Como repórter, chegou a ser detido duas vezes pela polícia militar, mas logo liberado por interferência do editor de um dos jornais em que trabalhava. Em 1968, a situação política do país agravou-se com a promulgação do Ato Institucional no. 5, que resultou no fechamento do congresso e numa restrição ainda maior às liberdades individuais. Pouco mais de um ano depois, em 1970, Fiorani foi aventurar-se na Europa, com uma soma de dinheiro suficiente apenas para alguns meses. Para sobreviver e prolongar aquela experiência que marcaria radicalmente a sua vida posterior, ele trabalhou inicialmente como garçom, em Londres, passando depois a dar aulas de português. Tornou-se, em seguida, jornalista colaborador da seção brasileira da rádio BBC, escrevendo artigos e reportagens na área da cultura.

No final de 1970, para fugir do rigor do frio daquele ano em Londres, deixou a Inglaterra em direção a Israel. Ali trabalhou no Kibbutz Reshafim, uma fazenda coletiva dos arredores da cidade bíblica de Bet Shan (a antiga Citópolis mencionada no Antigo Testamento), a poucos quilômetros do Mar da Galiléia.

Em seu retorno à Europa, fez o que a maioria dos jovens estrangeiros faziam então: viajar sem destino pelos países, a maior parte do tempo de carona e dormindo em albergues para a juventude. Foi nesse período que reencontrou, na Itália, as origens familiares, e reatou contatos que haviam sido interrompidos décadas antes. Foi um momento de intensas reflexões, o que o levaria a imaginar os seus primeiros temas literários e resultaria no seu retorno ao Brasil em meados de 1971. Nesse mesmo ano, começaria a escrever romance *O Sonho de Dom Porfírio*, que no final de 1972 ganharia Menção Honrosa do Prêmio Governador de São Paulo para obras inéditas.

2 . Carreira literária

Sílvio Fiorani pertence à chamada "Geração dos Anos 70", que floresceu inicialmente nas páginas dos jornais e revistas independentes que surgiram como veículos de resistência ao regime militar brasileiro naquele período. Desde *O Sonho de Dom Porfí-*

rio, o primeiro romance, tem sido elogiado pela crítica especializada pela ousadia e pela qualidade de sua prosa.

O autor participou de grande número de antologias publicadas por algumas das principais editoras do país, além de marcar presença nos jornais e revistas brasileiros mais importantes. Teve textos publicados na Itália, França, Espanha, Portugal, Taiwan, República Tcheca e Estados Unidos, onde participou, ao lado de autores como Ítalo Calvino, Günter Grass, Raymond Carver, da antologia internacional da revista **Ploughshares** de 1985, uma das três publicações literárias mais importantes daquele país. Três de seus contos foram selecionados para a antologia *Modern Poetry in Translation*, publicada pelo **King's College**, da **Universidade de Londres**, e dedicada à poesia brasileira.

Sílvio Fiorani participou, também, como representante do Brasil, do *International Iowa Writing Programm*, evento destinado a reunir, anualmente, em Iowa City, EUA, escritores convidados do mundo inteiro. A sua “participação criativa” nesse programa lhe valeu o título “Honorary Fellow in Writing” (Membro Honorário em Literatura) conferido pela Universidade de Iowa, que promoveu uma leitura pública, em inglês, de um de seus textos. Ainda nesse período, Sílvio foi palestrante convidado da Universidade Vanderbilt, do Tennessee, e da Universidade de Las Cruces, Novo México. Em 1994, participou, como escritor convidado, da *Feira Internacional do Livro de Frankfurt*, Alemanha. Entre suas atividades, figuram também oficinas literárias e palestras em bibliotecas e escolas. Recentemente, o autor proferiu, no Irã, a convite da Universidade de Teerã, palestra sobre a importância do estreitamento das relações culturais daquele país com o Brasil

Dois de seus contos foram dramatizados pela **TV Cultura de São Paulo**, no programa **Contos da Meia Noite**: *Nunca é tarde, sempre é tarde*, interpretado por Beth Goulart; e *De repente no verão*, interpretado por Lázaro Ramos. O primeiro foi também vertido para o cinema em um curta-metragem dirigido pelo cineasta paranaense Guilherme Giublin. O mesmo texto serviu de base, recentemente, para o espetáculo de dança *Sonata para despertar*, encenado em Vitória pelo **Grupo Repertório de Artes Cênicas**. O romance *Entre os reinos de Gog e Magog* tem sido adotado frequentemente em escolas de segundo grau.

4 . Obras publicadas (cronologia)

O sonho de Dom Porfírio, romance, Editora Ática, São Paulo, 1978, Prêmio Governador do Estado de São Paulo (Menção Honrosa).

Os estandartes de Átila, contos, Editora Codecri, Rio, 1980; 2ª. edição, Editora Lazuli/Companhia Editora Nacional, SP, 2008..

A morte de Natália, romance, Nova Fronteira, Rio, 1981, Prêmio Fernando Chignaglia (Menção Honrosa).

A herança de Lundstrom, romance, Global Editora, São Paulo, 1984, Prêmio Presenza d'Italia in Brasile, outorgado pelo Circulo Italiano de São Paulo.

O evangelho segundo Judas, romance, Best Seller, São Paulo, 1989

Entre os reinos de Gog e Magog, romance, Editora Siciliano, São Paulo, 1994; 2a.edição, Editora Lazuli/Companhia Editora Nacional, 2008.

Investigação sobre Ariel, romance, A Girafa Editora, São Paulo, 2005, Prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, como o melhor romance publicado no ano.

Os visitantes da noite, contos, Lazuli Editora, 2006, São Paulo.

5 . Publicações no Exterior

Suddenly one summer, no International Writing Issue da revista *Ploughshares*, USA, 1985.

Morte, em *A Posse da terra*, Imprensa Nacional, Lisboa, Portugal, 1985.

Improvvisamente d'estate, em *Linea d'Ombra*, Milano, Italia, 1987.

De Repente en el verano, em *Encuentros*, Segovia, Espanha, 1987

De repente no verão, em *Contos Contemporâneos*, coleção *Les Langues Modernes (Le Livre de Poche)*, Paris, 1990.

Unidentified objects , em *The Literary Review*, Farleigh Dickinson University, Madison, NJ, USA, 1995.

Sunday in the city of Kehl e outras histórias, em *Modern Poetry in Translation*, King's College, Universidade de Londres. 1995.

Nunca é tarde, sempre é tarde, em *Modernos Contos Brasileiros*, editora *Dauphin*, Praga, República Tcheca, 1996.

Taste of revenge, em *Prairie Schooner*, University of Nebraska Press, Estados Unidos, 1999.

Prairie Lights, University of Iowa Press, Estados Unidos, 2001

6 . Opiniões sobre as obras

6 . 1 . Ininvestigação sobre Aírel (2005):

“(...) Deixando que figuras espectrais dominem o texto, o autor (seu alter ego, seu duplo) acaba transfixado num jogo perigoso que, no entanto, domina, exorcizando seus demônios numa longa e dolorosa viagem na selva escura de sua própria consciência criadora. Um jogo de espelhos cujos reflexos se fundem numa verdadeira mitopoética de circunvoluções infinitas, num nível simbólico que anda ombro a ombro com nossos melhores narradores modernos – e aqui posso citar Lúcio Carsodo, Cornélio Penna, Pedro Nava, Antônio Callado, Osman Lins e poucos mais. (...)

André Seffrin, **EntreLIVROS, São Paulo**

“(...) São dois os problemas a enfrentar: por um lado, a tripla autoria (Fiorani/Francisco/Dédalo) e, por outro, a homogeneização dos tempos narrativos, tudo resolvido com sabedoria e finura. (...) A parte mais intrigante desta obra-prima da arte romanesca é a simbiose Raul Pompéia/Ariel/Serginho (de *O Ateneu*), reciprocamente afirmada em algumas passagens. (...)”

Wilson Martins, **O Globo, Rio**

6 . 2 . Entre os reinos de Gog e Magog (1994)

(...) Trata-se de uma saga sobre a infância e a adolescência em uma cidade do interior paulista. O protagonista, Galeno Rovelli, mergulha nas águas mais profundas de seu próprio passado e de lá traz de volta os episódios divertidos e comoventes que compõem esse saboroso romance.

(Carlos Menezes, **O Globo**, Rio)

“(...) Sílvio Fiorani permanece fiel ao mundo dos Rovelli, esse tronco familiar que praticamente o conduz de 1984 para cá. **Entre os Reinos de Gog e Magog** pode ser encarado como uma variante amena de **A Herança de Lundstrom**, mas não menos abissal. É uma poesia subterrânea que se levanta para facilitar, no leitor, um cisma distanciado de qualquer sentimento epidérmico. Lê-lo é voltar-se em abismo sobre si mesmo, na escavação daquilo que “estaria sepultado no esquecimento” não fossem as lembranças sobre os fatos; os “fatos da vida que não podemos explicar”. (...) Nesse sentido, ele é um irmão distante do prolixo Octávio de Faria e, sobretudo, destes outros romancistas de prospecção psicológica mais contidos, que foram Lúcio Cardoso e Cornélio Penna. Fiorani, contudo, é fruto de outro tempo e de outras perspectivas, que lhe condicionaram uma visão mais arejada e talvez mais imbuída, mais reflexa, da realidade, do seu mundo social e cultural.

Entre os Reinos de Gog e Magog seria algo apenas para um leitor iniciado se a simplicidade e a clareza não deixassem livres os caminhos, pois qualquer um poderá sentir uma devastação íntima ao abraçar estas águas. Uma aura extra-literária, alguns procurarão buscar nele. Mas não é aí que vamos dar com o que verdadeiramente interessa. (...) O romancista é tecnicamente soberbo nos seus movimentos.

(André Seffrin, **Jornal da Tarde**, São Paulo)

6 . 3 . O evangelho segundo Judas (1989)

" (...) O romance é, em resumo, uma obra admiravelmente construída, que relembra, em alguns aspectos, a precisão com que Bach, em notas musicais rigorosamente combinadas, expressou com genialidade profundas emoções."

(Esdras dos Nascimento, **O Globo, Rio de Janeiro**)

"(...) Sílvio Fiorani terá de enfrentar agora uma tarefa quase impossível: escrever um livro superior a **O Evangelho Segundo Judas**, com certeza o grande romance brasileiro da década de 80."

(Hugo Almeida, **O Estado de São Paulo**)

"(...) Para aquele que espera do texto literário uma reflexão mais profunda, o livro de Sílvio Fiorani é a leitura certa. Esse paulista interiorano, que situa **Vista Alegre do Alto** em lugar de privilégio e destaque no mapa literário, consolida, com **O Evangelho Segundo Judas**, o seu espaço na moderna ficção brasileira".

(Anna Maria Martins, **Jornal da Tarde, São Paulo**)

"(...) Não só pelo tema, mas também pelo estilo, o livro de Sílvio Fiorani apresenta autênticas reverberações proustianas. (...) Sua frase é de extraordinária elegância e sutileza, situando-o entre os melhores prosadores de sua geração. Apesar disso, não se trata de uma imitação de Proust, mas, antes, de uma impregnação ou consangüinidade intelectual."

(Wilson Martins, **Jornal da Tarde, São Paulo**)

"(...) Sílvio Fiorani, este ano, cravou definitivamente sua marca alçando um vôo mais longo com **O Evangelho Segundo Judas**, que, apesar de suas 422 páginas, nada tem de supérfluo. Continua, ou melhor, aperfeiçoa o já preciso texto de Fiorani.

(Leda Rita Cintra Ferraz, **Shopping News, São Paulo**)

"(...) Em 1984, Sílvio Fiorani aparece com **A Herança de Lundstrom**, que não se poderia resumir como saga de uma família, mas como misterioso e requintado caminho

para **O Evangelho Segundo Judas**, em que o narrador cria o escritor que procura escrever sobre Judas, e, então, vai se descobrindo entre a memória e diversos planos narrativos, num dos romances mais importantes da década. (...)”

(Julieta de Godoy Ladeira, **D.O. Leitura**, São Paulo)

“(...) Uma obra-prima de realização, num nível de linguagem que raríssimos alcançam”

(Marcos Rey, **Thot, Palas Athena**, São Paulo)

6 . 4 . A herança de Lundstrom (1984)

"(...) Neto de imigrantes italianos que testemunharam a ascensão e queda do café no interior paulista, Fiorani faz crônica familiar nesse romance, mas consegue manter um tom objetivo, sem se perder em lembranças meramente pessoais. O autor dá duas vozes ao narrador da história, Francisco, que ora comenta os fatos, ora os registra num diário. Também são usados relatos de naturalistas para situar a cidade e seus personagens. Com isso, o romance, sem esconder as emoções do autor, oferece surpresas e rasgos de erudição ao leitor.

(Miriam Paglia Costa, **VEJA**, São Paulo)

"(...) Sílvio Fiorani acrescenta ao que é ser brasileiro um novo território semântico. (...) O imigrante só se torna vitorioso enquanto imigrante na medida em que se nacionaliza, introduzindo caracteres novos ao que é ser brasileiro. É a temática do excelente romance **A Herança de Lundstrom** inspirado na implantação de imigrantes nas zonas pioneiras de São Paulo, e acompanhando em perspectivas psicológicas e históricas a criação de cidades, o avanço da civilização industrial, a ampliação da matéria brasileira, num mundo em que a vida política do país somente se manifestava por sinais indiretos, tão misteriosos que chegam a parecer sobrenaturais. Fiorani é um mestre das técnicas narrativas. (...) Digamos que se trata de um painel que encontrará nesse romance seu complemento necessário: a visão dramática e humana, social e sociologicamente realista, não

menos dominada pelo sobrenatural, pela magia e pelo mistério, todos concorrendo para nos fazer compreender que ser brasileiro é noção menos homogênea do gostaríamos que fosse. No caso, importa acima de tudo que tenha crescido em dificuldade e complexidade o índice qualitativo do romance brasileiro. (...)

(Wilson Martins, **Jornal do Brasil, Rio de Janeiro**)

(...) A crônica nostálgica é brilhantemente invadida (em **A Herança de Lundstrom**) pela intromissão do fantástico nas relações cotidianas. Em primeiro lugar, no plano da linguagem. Sílvio Fiorani, em seu torturado descritivismo, disseca de maneira implacável o real. Sua paixão é a do entomólogo, do miniaturista, que, numa redundância calculada, investiga os fundamentos dos atos dos personagens. Em segundo lugar, pela intromissão do estranho propriamente dito, com as visões e sonhos dos personagens, que antecipam o Apocalipse final. (...) O autor consegue unir o particular ao universal: os seres da pequena Buritipua são afinal arquétipos. Poético e original, o livro só vem confirmar o talento de Fiorani.

(Álvaro Cardoso Gomes, **VISÃO, São Paulo**)

"Desde a sua estréia, Fiorani foi saudado como um escritor a quem se deveria prestar toda a atenção por abrir um caminho muito próprio na ficção contemporânea e produzir um texto realmente inovador. (...) Às peripécias dos imigrantes italianos, seus conflitos, seus usos e costumes, contrapõem-se capítulos eivados de lindos e trágicos atos de amor, às vezes surrealistas. Emergem dali situações comoventes. (...)

(Deonísio da Silva, **AFINAL, São Paulo**)

"(...) Afinal, que importância têm os fatos em si, se no fim de uma vida repleta de grandes feitos, como a de Elisa Avigliano, avó do narrador-personagem, Francisco ainda se pergunte se o seu sonho se teria realmente realizado? Um pergunta que Sílvio Fiorani, com técnica apurada, transfere para o leitor, numa linguagem poética; por vezes irônica e sempre inquisitiva."

(Leda Cintra Ferraz, **Jornal da Tarde, São Paulo**)

6 . 5 . A morte de Natália (1981)

"(...) De feição plurivalente, **A Morte de Natália** transcende a rede episódica do texto, e o realismo do pormenor passa o informar um surrealismo visionário, quando o gênio criador de Fiorani explora verticalmente uma passagem que se abre para o infinito."

(Elisa Guimarães, **LEIA, São Paulo**)

"(...) Com personalidade própria que não abdica de si; narrador fortemente imaginativo, mas pronto e leve na textualização do imaginado; com o sentido do grotesco e do caricatural, mas duramente sério no essencial implícito ou expresso, Sílvio Fiorani construiu, em **A Morte de Natália**, uma história em que o lúdico na invenção joga certo com o literário na escrita que lhe dá corpo."

(Álvaro Salema, **COLÓQUIO/letras, Lisboa**)

"(...) O maior mérito de **A Morte de Natália** reside em tratar temas potencialmente pesados sem cair na discussão filosófica disfarçada; mantendo-se sempre fiel ao que verdadeiramente é: uma obra literária extremamente bem cuidada: e agradável de ler."

(Nara Antunes, **Jornal de Brasília, DF**)

6 . 6 . Os estandartes de Átila (1980)

"(...) O conto-título, **Os Estandartes de Átila**, coroa a seqüência de sustos. É alegórico, brilhante, uma saga friamente enigmática. Enfeixa os muitos veios de perceber esse livro que se recebe como um estimulante aviso. Saudamos Sílvio Fiorani, com seus calafrios, enfeites, incidentes."

(Ricardo Ramos, **O Estado de S. Paulo**)

"(...) Os dois livros (**A Morte de Natália e Os Estandartes de Atila**) se interpenetram através de uma linguagem poética e da busca incessante de uma representação da realidade mais criativa, capaz de arrancar o leitor de um estado contemplativo, para participar da narrativa ludicamente."

(Jorge de Sá, **Folha de S. Paulo**)

"(...) **Os Estandartes de Átila** fascinam o leitor devido à transfiguração do real que, sem panfletarismo, critica o mundo desprovido de sentido. Sua produção prima pela qualidade narrativa."

(Álvaro Cardoso Gomes, **COLÓQUIO/letras, Lisboa.**)

"(...) No trato de temas que incursionam pelo fantástico, pelo surreal, pelo absurdo kafkiano, Silvio Fiorani destaca-se pela leveza e pelo lirismo. A leveza e a ironia não são todavia recuos diante da gravidade dos assuntos, mas sim modos de exercer a crítica."

(Cláudio Willer, **ISTOÉ, São Paulo**)

6 . 7 . O sonho de Dom Porfírio (1978)

"(...) *O Sonho de Dom Porfírio* é um livro fora de rotina, revelando um talento de primeira linha."

(Geraldo Galvão Ferraz, **Playboy, São Paulo**)

"O que desde logo se destaca é o estilo fluente e ágil. **O Sonho de Dom Porfírio** revela em Fiorani um autor maduro, já senhor de um estilo próprio e adequadamente irônico e irreverente (...)"

(Carlos Alberto Miranda, **Jornal do Brasil, Rio de Janeiro**)

"(...) Num tom personalíssimo, não contaminado por diretrizes literárias, Fiorani desafia o leitor. Onde se encontra o limite entre o real e o inventado? O estilo é o que se aprecia mais, irônico mas sem sarcasmo, pintando as fraquezas humanas sem amarguras."

(Bruna Becherucci, Istoé, São Paulo)

José Gustavo Julião de Camargo

Natural de Vista Alegre do Alto, o compositor e maestro paulista José Gustavo Julião de Camargo (*1961) iniciou seus estudos musicais em 1978, em Ribeirão Preto, com Mario Nacarato e Cristina Emboaba. Como instrumentista (clarineta e clarone) atuou na Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, Orquestra Jovem de Campinas e no Grupo Pipoca Modena (de 1983 a 1986), como contrabaixista atuou na banda É Tudo Cena Dela (de 1993 a 1999). Formou-se (1986) em composição e regência pela UNICAMP, onde foi aluno, entre outros, de composição, de Almeida Prado, Damiano Cozzella e Raul do Valle, e de regência, de Benito Juarez, Moacir del Picchia e Henrique Gregori. Como diretor musical e arranjador do coro cênico ?Bossa Nossa? (de 1991 a 2008) desenvolveu intensa atividade no Brasil e no exterior (Itália e Grécia), com espetáculos como Conversa de botequim (1995); bossa@usp.br (1997), 500 e tantas histórias... (2000, 2001, 2002 e 2004) e O boi caipira (2006). Já atuou como professor visitante em diversas escolas de música e conservatórios na Itália (Faenza, Ferrara, Cosenza, Perugia e Campobasso). É compositor de obras para teatro, vocal e instrumental, coral e sinfônico. Destacam-se ainda a cantata Ode a Zumbi, comandante guerreiro, para coro e orquestra; a ópera Café ? em três atos, para coro e orquestra, esta última com libreto de Mário de Andrade; e, estreado recentemente, o Concerto para viola caipira e orquestra. Desde 1988, é orientador de estruturação musical da USP, Campus de Ribeirão Preto. Atua ainda como maestro assistente da USP-Filarmônica (Orquestra Sinfônica do Departamento de Música da FFCLRP-USP) e maestro titular da Banda Sinfônica da USP, da Mogiana Jazz-Band e da Banda Municipal de Sertãozinho.

Saudações musicais!

Zé Gustavo